



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JULHO, DE 2025 - 21H00

Sessão 48 “AFRICA MINHA” (1985)



Karen Blixen, dinamarquesa que se viria a notabilizar mais tarde como escritora, «contadora de histórias», autora de alguns volumes de grande sucesso, como «Seven Gothic Tales», «Out of Africa», «Winter Tales» ou «Shadows on the Grass», passou grande parte da sua vida em África, precisamente no Quênia, onde teve uma fazenda, «no sopé das montanhas Ngongo». Fugindo de um desgosto de amor, foi em África que se refugiou, casando com o barão Bror Blixen, irmão do seu antigo amante. O casamento é, obviamente, uma combinação por conveniência de ambas as partes: enquanto o barão adquire a verba

necessária para montar uma plantação de café e poder continuar a viver em safaris de animais e de fortunas, Karen ganha um título nobilitário e uma pausa de reflexão em relação à sua vida na Dinamarca.

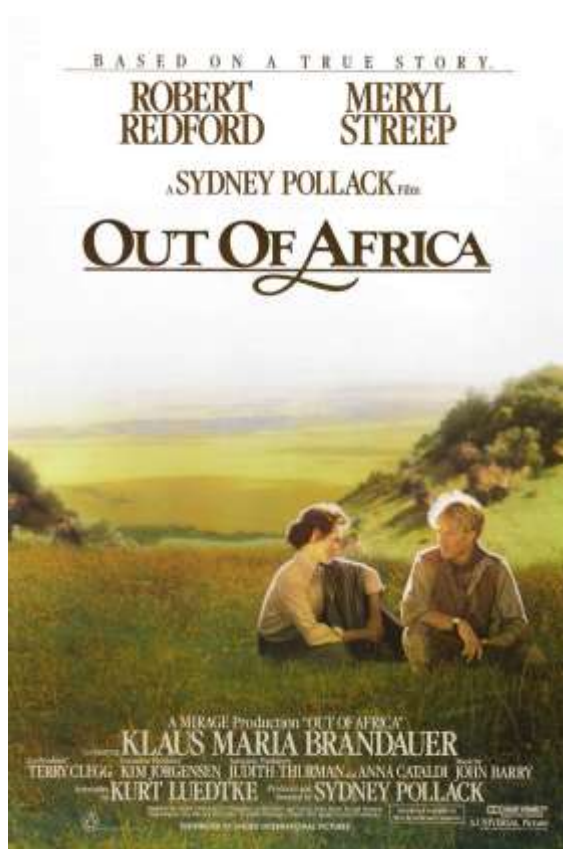
Em África, Karen Blixen descobrirá um continente fascinante, envolto numa estranha magia, que a apaixona para todo o sempre, marcando, daí para a frente, toda a sua vida e produção literária. Quando, em 1931, regressa à Dinamarca, depois de mais de 15 anos no continente africano, um dos seus trabalhos literários de maior repercussão será precisamente «Out of Africa», um volume de pequenas histórias, recordações, episódios vividos ou imaginados, obra que está na origem do filme de Sydney Pollack, agora em estreia entre nós, numa altura em que a corrida aos Oscars de 1985 o aponta como um dos mais cotados e sérios candidatos (nomeado para 11 estatuetas, certamente que colherá delas em definitivo um bom número).

A película de Pollack não se contenta em adaptar «Out of Africa», mas conjuga-a com outros textos da mesma escritora, e ainda com obras biográficas, como «Isak Dinesen: the Life of a Storyteller» de Judith Thurman, ou «Silence Will Speak», de Errol Trzebinski. O resultado final será uma amálgama de referências que permitem reconstituir aspectos da vida desta mulher, que atravessou o continente africano numa época particularmente reveladora (entre 1914 e 1931), mas esboçar, igualmente, um quadro impressionista e romanesco (pode mesmo ir-se mais longe e falar-se de romantismo) da sua paisagem geográfica e humana. É evidente, porém, que a África nunca funciona de forma autónoma, mas como cenário condicionante de uma vida. Cenário, todavia, trabalhado com o necessário rigor histórico, político e sociológico, que se pressente por detrás do tema central de Pollack.



A protagonista é Karen e é através dela que tudo o mais surge, é através dos seus olhos que tudo é visto. Donde a justificação da «voz off», que funciona como elemento unificado e descritivo conferindo a toda a toada da obra um tom memorialista. Donde também essa sensação de «perca» de que todo o filme está imbuído, como contraponto a uma figura de obstinada pertinácia, de combate, de luta, de conquista. Mas, tudo o que Karen toca parece esboroar-se e perder-se. Todo o filme se organiza, aliás, em função das sequências iniciais, passadas na Dinamarca, nas quais Karen confessa a perda da virgindade, ofertada a um amante que agora a ignora. Daí em diante, Karen vai procurar «conquistar», um pouco como consequência lógica dessa “perda” original que a marca: ela «compra» um título, um marido, uma plantação, uma fábrica; ela «quer» um filho, um amante, de novo um marido; ela procura «domesticar» África, calçando luvas brancas nos empregados negros, desviando o curso dos rios, curando os nativos feridos, europeizando-lhe as roupas. Mas em tudo falha. O resultado é sempre uma perda (o filho que não pode ter; o marido de quem se divorcia; um outro que rejeita o casamento como acto de posse de um sobre outro; a fábrica que arde num incêndio; a África que não consegue dominar. Karen vai perdendo tudo, mas ganhando interiormente, enriquecendo-se em experiência e sabedoria. Retira as luvas brancas aos criados negros, e deixa o rio circular livremente no seu leito natural. Irá mesmo lutar por uma terra para os nativos que são desalojados das suas propriedades. E Denys, o homem que ela não conseguiu conquistar, acabará por ser aquele que para sempre a marcará, precisamente porque foi o único que não conseguiu compreender a sua complexidade (isto é, o único que se furtou ao seu enquadramento mental). Enquanto figura de mulher, Karen aproxima-se bastante de Scarlet Hara, de «E Tudo o Vento Levou», e este paralelismo vale igualmente para o próprio tom romanesco da obra, que se aproxima da película de Victor Fleming, da mesma forma que se cruza com a «Viagem para a Índia», de David Lean. Em todas elas existe esse jogo de poder expresso a vários níveis, tecido em relações de forte acento sexual. Aliás, «África Minha» faz-nos compartilhar desse forte clima erótico, sensual, admiravelmente desenhado pela narrativa suave, discreta, vigorosa, intimista, mágica que Sydney Pollack imprime a toda a película numa evidente manifestação de mestria, de estilo dominado e austero, de rigor, de serenidade expositiva. Uma última palavra para a excelência da representação, acentuando-se não só o brilhantismo de Meryl Streep, mas igualmente de Robert Redford e Klaus Maria Brandauer.

Lauro António



ÁFRICA MINHA

Título original: Out of Africa

Realização: Sidney Pollack (EUA, 1985); Argumento: Kurt Luedtke, David Rayfiel, segundo obras de Karen Blixen ("Out of Africa" e outros escritos), Judith Thurman ("Isak Dinesen: The Life of a Story Teller") e Errol Trzebinski ("Silence Will Speak"); Produção: Anna Cataldi, Terence A. Clegg, Kim Jorgensen, Sydney Pollack, Sid Sheinberg, Judith Thurman; Música: John Barry; Fotografia (cor): David Watkin; Montagem: Pembroke J. Herring, Sheldon Kahn, Fredric Steinkamp, William Steinkamp; Casting: Mary Selway; Design de produção: Stephen B. Grimes; Direção artística: Colin Grimes, Cliff Robinson, Herbert Westbrook; Decoração: Josie MacAvin; Guarda-roupa: Milena Canonero; Maquilhagem: J. Roy Helland, Norma Hill, Mary Hillman, Joyce James, Gary Liddiard, Vera Mitchell; Direção de produção: Robin Forman Howard, Gerry Levy; Assistentes de realização: Roy Button, Jack Couffer, Patrick Kinney, George Menoe, Meja Mwangi, Tom Mwangi, David Tomblin, Simon Trevor, Lee Cleary, Michael Zimbrich; Departamento de arte: Bert Hearn, Geoff Langley; Som: Nicholas Eliopoulos, Peter Handford, Tom McCarthy Jr., John Stevenson, Jeffrey Wilhoit; Efeitos especiais: David Harris; Efeitos visuais: Syd Dutton, Mark Freund, Steve Gawley, Michael Gleason; Companhias de produção: Mirage Enterprises; Intérpretes: Meryl Streep (Karen), Robert Redford (Denys), Klaus Maria Brandauer (Bror), Michael Kitchen (Berkeley), Malick Bowens (Farah), Joseph Thiaka

(Kamante), Stephen Kinyanjui (Kinanjui), Michael Gough (Delamere), Suzanna Hamilton (Felicity), Rachel Kempson (Lady Belfield), Graham Crowden (Lord Belfield), Leslie Phillips (Sir Joseph), Shane Rimmer, Mike Bugara, Job Seda, Mohammed Umar, Donal McCann, Kenneth Mason, Tristram Jellinek, Stephen B. Grimes, Annabel Maule, Benny Young, Sbish Trzebinski, Allaudin Qureshi, Niven Boyd, etc. Duração: 161 minutos; Distribuição em Portugal: Classificação etária: M/ 12 anos; Estreia em Portugal: 28 de Fevereiro de 1986.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

"9 Semanas e Meia" de Adrian Lyne/ 1985